



MARIA MOLAMBO

MARIA MOLAMBO - A SEMIDEUSA DO REINO AFRO-BRASILEIRO

Maria Molambo é guardiã e chefe de falange, seu nome é o nome de uma legião de milhares de "Marias Molambos", mulheres que têm personalidades e histórias de vida distintas. Em geral sua fama é de boa conselheira tanto de seus médiuns quanto de seus consulentes, tornando-se amada, respeitada e muito solicitada nos Centros de Umbanda e Candomblé.

Essas Entidades são muito interessadas e dedicadas em ajudar a seus médiuns e protegidos. MARIA MOLAMBO, como energia principal, sem suas variantes determinadas pelo carma, pela evolução, mostra-se quase sempre bonita, feminina, amável, elegante, sedutora, porém reservada. São mulheres requintadas, sensuais, muito comunicativas e de personalidade forte.

Naturalmente, alguns médiuns mal orientados e pouco conectados com a Entidade, interferem negativamente no comportamento e expressão quando incorporadas, mas em se tratando de "Molambos" elas se sobressaem, ensinando ao médium com quem está "lidando", pois "não se brinca com Maria Molambo".

A sua missão consiste em tratar do lixo espiritual em que a maioria das pessoas vivem, eliminar a baixa vibração emanada pela mente das pessoas despreparadas para enfrentar o dia-a-dia.

Em eliminar angústia e desespero dos humanos, fazendo em que acreditem em si mesmos, e no seu potencial divino. Eliminar do campo vibracional as energias nocivas que afastam o ser humano da parte divina a qual pertencem. Este é o seu fundamento. São consideradas Entidades capazes de organizar a vida pessoal de um encarnado, mas cobram de seus protegidos ação e caráter firmes.

As Marias Molambos possuem muitos protegidos no mundo espiritual e a eles também são feitas cobranças sérias e necessárias à evolução, pois com "Molambo" ou conserta ou quebra. Elas concedem pedidos, mas também cobram, ensinam, mesmo que para isso, tenham que deixar seus protegidos sofrerem.

A legião de Marias Molambos em sua maioria, trabalham dentro da vibração de Oyá, ou seja, comumente se ver "filhos (as)" dessa Orixá sendo médiuns de Maria Molambo.

São entidades de grande influência, trabalham com magias e fortes demandas, possuem grandes aliados no plano espiritual, conseguindo realizar suas missões com êxito.

Quando incorporadas, seus trajes são dos mais variados estilos, as cores são desde o negro, vermelho ou ambas as cores e até farrapos/fitas coloridos. A escolha da roupa depende da atuação vibracional da entidade: Estrada, Calunga, Encruzilhada, Almas e etc. Gostam de licores, cidras, vinhos e bebidas fortes como cachaça e uísque.

Suas oferendas podem ser simples ou complexas, dependendo do objetivo do trabalho, podendo ter fitas vermelhas e pretas, a galhos de alecrim e frutas como o figo, além de pimenta dedo-de-moça e chocolate. Recebem suas oferendas nas encruzilhadas em forma de T, nos templos de umbanda ou candomblé, cemitérios, praias, matas, cachoeiras, ou em lugares recomendados pela Entidade incorporada no médium.

Esses espíritos possuem uma vasta atuação de linhas: Encruzilhadas, Figueira, Cemitério, Estrada, Calunga Grande (Praia), Cabaré, Lodo, Cruzeiro das Almas (inclusive de Igrejas), dentre outros.

A origem do nome Maria Molambo ou Mulambo, vem do sofrimento de privações financeiras ou emocional pelo qual passaram esses espíritos em vida, e foram acolhidos e convidados para trabalharem nessa falange.

Maria Molambo é um ícone de auxílio para mulheres que chegam ao "fim do poço" e precisam de força e estímulo, não só para continuarem suas lutas, mas também para vencerem e transcenderem as dificuldades e serem dignamente mais realizadas e independentes. Prefere ver seus protegidos sozinhos que mal acompanhados. Podem realizar pequenos encantamentos para favorecer um relacionamento, mas repudiam magias de amarração.

Talvez a mais conhecida seja Maria Molambo da Lixeira, ela é uma entidade que trabalha para os dois lados, ou seja, tanto para o bem e para mal. Mas não pense que ela é uma entidade voltada para fazer o mal, os homens

sim, os encarnados sim que ao invés de evoluírem se perdem nas teias da evolução, transgredindo leis cósmicas.

Talvez seja por essa vertente da entidade que a maioria rotula a falange como sendo ligada a degradação e a miséria, por receber seus EBÓS próxima a local de lixos.

Mas vale salientar que como toda POMBA GIRA ela recebe fora da morada que muitos determinam, pois o local certo para oferecer os axés é dentro dos limites da casa religiosa, a menos é claro que a casa utilize apenas as energias negativas de cada entidade, ou se não tem controle sobre as energias EGUNS. Pior se manter o preconceito sobre as pombas giras e exus não diferenciando dos kumbas.

Sim, POMBAS GIRAS são eguns, pois pertencem a legiões de entidades que após desencarnarem ficam no lado espiritual servindo para buscar um melhor equilíbrio e quando retornar já ter sanado a maioria dos débitos e recebidos seus créditos que com certeza a medida que evolui menos cobra, e muito mais doa.

Como as demais falanges as MOLAMBOS também tem suas representantes em vários locais, como cemitério, praia, campina, estradas, etc.

O que a maioria determina como cruzados nada mais é que variantes de uma entidade que utiliza um nome conhecido para manter a comunicação em várias linhas de comunicação espiritual, interligando encarnados e desencartados, pois embora a distância entre uma entidade espiritual do nível de exus ou pombas giras, ou ciganas, boiadeiros, caboclos de penas, e tantos entidades mais, seja enorme entre elas e os ORIXÁS, elas mantém um fio condutor com a energia mestra que de maneira escalonada sobe até o mais alto.

A História da líder dessa poderosa legião, segundo Omolubá, é assim descrita:

Foi no início do século XIX, pelos anos de 1818, época em que o Brasil caminhava para sua independência de Portugal e que, mesmo oficialmente elevado à “Categoria de Reino Unido”, mantinha no estilo de vida os costumes de colônia submissa, explorada, oprimida. Foi nesse tempo que nasceu em

Alagoas, a filha dos Manhães, respeitada família de fazendeiros que viviam de criar gado na região próxima ao então vilarejo de Penedo.

Maria Rosa da Conceição – esse era seu nome – cresceu criada sob os arraigados moldes educacionais da ocasião. Quando moça feita o Brasil já se dizia independente: ela não era. Tinha nas mãos do pai o seu destino selado, como acontecia a tantos outros milhares de moças. Vigência comum eram os pactos de casamento, não entre os namorados, mas entre os que viam, nesse expediente, a forma de unir família, as consideradas poderosas e tradicionais, visando tão somente a interesses comerciais, territoriais e até políticos. Maria Rosa da Conceição não fugiria a esse destino quando, aos 19 anos de idade, foi prometida aos Cardins, na pessoa de Vicente, o filho.

Comum também parecia “o outro lado” dessa história. Maria Rosa, claro, não amava Vicente. Era Luciano, capataz da fazenda dos Manhães, o dono de seu coração, um viúvo, sem filhos, com quase o dobro de idade da moça. Empregado dedicado, servi a família mesmo em dias difíceis como os das secas que assolavam periodicamente o Nordeste. Luciano era homem de caráter inquestionável, dote que certamente não seria considerado pelo coronel Manhães, caso o capataz propusesse, oficialmente, casar com a filha do fazendeiro. Mas Luciano e Maria Rosa, fora do tempo e do espaço, estavam perdidamente apaixonados.

Vivendo um romance clandestino, porém verdadeiro, viam aproximar – se o funesto dia do combinado casamento de Rosa com Vicente. O noivado de seis meses já se tinha expirado. A cada dia que passava menor eram as esperanças de solução. Em junho do ano de 1837, três meses antes da data marcada para a cerimônia nupcial, Maria Rosa e Luciano apelaram para única saída que lhes parecia possível – a fuga – e fugiram para as bandas de Pernambuco.

Essa foi a saída possível, mas não, honrosa, não para as famílias ofendidas nem para os costumes do povo. O escândalo ganhou fazendas, roçados, estradas e os sertões, desbravados pelos dois irmãos de Maria Rosa na tentativa de reavê-la e castigar um empregado que para eles se mostrara, agora, indigno de confiança, além de detestável sedutor. Também para os Cardins a humilhação era sem precedentes! Todos eles exigiam reparação da

honra da família, ultrajada por um homem considerado sem linhagem e de origem duvidosa. Afinal, que riquezas ou poderes tinha ele? De que família provinha? Talvez fosse um mestiço ou sabe-se lá mais o quê! Como se atrevera a tanto? Merecia castigo à altura de sei desvario. Quando a Maria Rosa, julgavam os Cardins que ela não havia recebido dos pais a devida educação, tanto que agira de maneira tão afrontosa quanto imoral. Vai daí que as duas famílias cortaram relações, unido-se apenas no firme propósito de encontrar e punir Luciano.

Durante três anos e seis meses, deu-se perseguição implacável e sem tréguas ao casal que, longe de fúria e do desejo de vingança dos seus e já com uma filha, encontrara nas terras do Coronel Aurino de Moura o seu recanto de felicidade – e onde, com a mesma dedicação, peculiar a seu caráter, Luciano também trabalhava como capataz.

Numa tarde quente de dezembro de 1840, quando despreocupado tratava no curral da fazenda, de um animal ferido, um bando cercou o local. Eram dois líderes brancos, negros, escravos, farejadores e capangas de aluguel. Sem qualquer explicação, mataram o animal a tiros e Luciano a facadas. Maria Rosa que, em casa, cuidava da filha, foi levada desacordada de volta a cidade de Penedo.

Voltar para casa em tais circunstâncias significava, naturalmente, enfrentar (quem sabe?) o ódio, mas, com certeza, a humilhação. E: apenas para isso Maria Rosa fora trazida. Após cuspir-lhe no resto, o pai expulsou-a, orgulho ferido e ouvidos fechados aos apelos dos dois filhos e da esposa, mãe sofrendo a reconhecer que a filha merecia castigo, mas, não, a renegação. Rogos Vãos.

Ver-se entregue à própria sorte não a assustava. Mas sua filha pequena não pedira nem merecia o abandono e o repúdio familiar. E assim Maria Rosa julgou que recorrer ao abrigo de parentes poderia amenizar o sofrimento da menina. Com ela voltou a Pernambuco e, na cidade de Olinda, apelou para seus tios que, nem por isso, a trataram como sobrinha. Pelo contrário, sua condição de dependente e desvalida fez de Maria Rosa uma serviçal da família, a suportar, pelo bem da filha, novas humilhações.

Quem dera, porém, que tal martírio nisso apenas se resumisse!... Meses após ter chagado a Olinda, a vida de Maria Rosa teve novo curso ao ver seu filhinha morrer de varíola.

E Maria Rosa fugiu outra vez. Agora, sozinha. Seu amor, sequer estima ou consolo. Perdera tudo o que de mais importante e valioso tivera, prova carnal e espiritual do único amor de sua vida. Partiu para o caminho que, também desta vez, lhe parecia a única e desesperada solução possível: a prostituição.

Assim foi tocando seus dias de amargura no falso esplendor da noite boêmia. Sem demora, sua saúde foi sendo minada pela tuberculose e pelas doenças venéreas. Esquálida e tísica, mais uma vez passou a ser repudiava até pelas colegas da profissão chamada de “vida fácil”. Passou, então, a pedir esmolas pelas ruas. Nas suas andanças de extrema penúria, ficou dois anos em Recife, seguindo depois de cidade em cidade até chegar, de volta, à terra natal.

Quem peregrinava, então, pelas ruas de Penedo não era a bela jovem de outrora, mas uma mulher magra, precocemente envelhecida, abatida, marcada, dilacerada pelo sofrimento do corpo e da alma. Irreconhecível, foi logo “batizada” pelo escárnio popular como MARIA MOLAMBO. Encontram-na assim os dois irmãos, levaram-na para a fazenda distante algumas léguas da cidade e lhe deram a notícia da morte dos pais e da sua inclusão na herança dos Manhães, graças à intervenção da mãe, a última a falecer.

Maria Rosa recebeu dos irmãos, bem se diga, toda a assistência de que necessitava em razão da sua doença. Conseguiu, por isso, recuperar parte da saúde e dar início a uma nova vida, agora dedicada à comunidade, ajudando os carentes (que não eram poucos) abandonados e desabrigados, crianças, mulheres e ancião. Sua parte na herança ela destinou a esse trabalho anônimo e a um asilo já existente em Maceió, onde passou servindo todo o seu tempo de vigília.

Foi no ano de 1857 que Maria Rosa da Conceição faleceu. Recebida no plano astral por muitos conhecidos e parentes, àqueles a quem havia

beneficiado em sua vida terrena continuou a ser, agora carinhosamente, chamada de Maria Molambo.

No ano de 1900, conheceu outra mulher de grande prestígio, Maria Padilha, cujo propósito principal era a luta pela igualdade dos sexos, inspirando decisivamente as líderes feministas do plano físico. Por influência dela, aceitou convite para integrar um novo movimento religioso ainda em organização no plano astral – denominado Umbanda – Passando a liderar milhares de criaturas. Constituiu, assim, a falange de Maria Molambo, trazendo inúmeros benefícios a encarnados e desencarnados da terra brasileira.

REFERÊNCIAS:

Omolubá. Maria Molambo na Sombra e na Luz. Editora: Cristalis Editora.

Baibich. Cláudia, Pombagiras - Pombagira Guardiã Maria Molambo. sábado, 13 set 2008. Disponível no site: pombagiras.blogspot.com.br/search/label/MARIA%20MOLAMBO. Acesso em 24 out 2012 às 17:00 horas.

Rakaama. Maria Mulambo. sexta-feria, 23 jul 2010. Disponível no site: rakaama.blogspot.com.br/search/label/Maria%20Mulambo. Acesso em 27 out 2012 às 15:00 horas.